



Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis

Geraldo Magela Rodrigues de Vasconcelos, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil¹

Paulo Henrique de Lima Siqueira, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil²

Maria Lyria Mundim Fuzatto, Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam a intenção empreendedora de estudantes de uma instituição de ensino superior. Utilizou-se abordagem de natureza quantitativa e descritiva, com um questionário com escala Likert para a coleta e mensuração dos dados. A amostra contemplou 203 estudantes dos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis, do primeiro ao oitavo semestre. O tratamento e a análise dos dados abrangeu estatísticas descritivas, análise fatorial exploratória, análises de confiabilidade e de correlação. Os principais resultados indicam que a carreira de empreendedor é percebida como favorável pelos alunos de Administração e Ciências Contábeis de diferentes períodos, sendo percebida como mais atraente do que o trabalho formal. Considerando o modelo de pesquisa de intenção empreendedora, verificou-se que a atitude em relação à criação de uma nova empresa e o controle comportamental percebido exercem influência positiva na intenção de empreender, não sendo constatada influência direta das normas subjetivas sobre a intenção dos estudantes. A principal contribuição teórica/metodológica refere-se à inclusão, no modelo de pesquisa, de questões relativas à experiência empreendedora anterior e à educação em gestão empreendedora, tendo essas questões apresentado significativa correlação com a intenção empreendedora. Os resultados da pesquisa apontam que é importante o ensino de empreendedorismo e gestão no meio acadêmico, já que essas disciplinas estimulam a intenção empreendedora. Revelam, ainda, a importância de estimular os alunos a participar de projetos de ensino, pesquisa e extensão que tenham como tema o empreendedorismo.

Palavras-chave: Intenção empreendedora. Teoria do Comportamento Planejado. Empreendedorismo. Estudantes universitários.

1. INTRODUÇÃO

O impacto social e econômico gerado pelo empreendedorismo tem feito com que o tema ganhe espaço considerável na educação, nas políticas públicas e no interesse de pesquisadores e gestores (Brito et al., 2022). Nesse contexto, identificar indivíduos que possuem a intenção de empreender tem se constituído uma área de interesse no campo do empreendedorismo (Marcon et al., 2020).

¹ gmr@ufsj.edu.br - <https://orcid.org/0000-0002-7562-3638>

² paulosiqueira@ufsj.edu.br - <https://orcid.org/0000-0001-8204-7846>

³ marialyriamundin@aluno.ufsj.edu.br - <https://orcid.org/0009-0007-6957-5864>

Vasconcelos, G.M.R., Siqueira, P.H.L., Fuzatto, M.L.M.; Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas V.8, Nº2, p.108-133, Mai/Agos. 2023. Artigo recebido em 05/04/2023. Última versão recebida em 04/06/2023. Aprovado em 01/07/2023.

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

Essa perspectiva é refletida no aumento do interesse acadêmico pelo empreendedorismo (Davidsson, 1995), levando as instituições de ensino superior a desempenharem papel importante no fomento ao empreendedorismo e na geração de capacidade empreendedora de alta tecnologia (Teixeira & Davey, 2010). Verifica-se, assim, uma condição favorável para o desenvolvimento do empreendedorismo no ambiente universitário (Loiola et al., 2016). Nesse sentido, Lima et al. (2015) indicam que a Teoria do Comportamento Planejado (TCP, daqui em diante) tem sido extensamente utilizada na busca pela compreensão dos antecedentes que influenciam a escolha dos estudantes de se tornarem empreendedores.

Muitos são os fatores que determinam a decisão dos indivíduos de iniciar um empreendimento (Marcon et al., 2020). Segundo Kacperczyk (2013), as teorias sobre o empreendedorismo propõem que os empreendedores são moldados por influências contextuais.

A intenção empreendedora, por sua vez, é uma área de pesquisa consolidada no campo do empreendedorismo (Liñán & Fayolle, 2015). A influência da intenção do indivíduo sobre seu comportamento real tem sido demonstrada em estudos na área da psicologia social (Couto et al., 2010).

Krueger et al. (2000) apontam que as intenções são o melhor preditor de qualquer comportamento planejado, incluindo o empreendedorismo. Os autores afirmam que os modelos de intenção oferecem uma estrutura teórica coerente, generalizável e robusta para a compreensão e previsão da formação do comportamento empreendedor. Dessa forma, reconhecer que iniciar um negócio é um ato intencional é substancial para a pesquisa de intenção empreendedora (Krueger et al., 2000).

Nesse sentido, Liñan e Chen (2009) desenvolveram um “Questionário de Intenção Empreendedora” (QIE, daqui em diante) baseado na TCP de Ajzen (1991), cujo objetivo é testar e mensurar a intenção empreendedora dos indivíduos.

O tema intenção empreendedora tem sido amplamente discutido nas últimas décadas, e parte considerável da literatura sobre o tema tem concentrado a atenção em estudantes universitários (Marcon et al., 2020; Paiva et al., 2020; Minello, 2019; Lima et al., 2016; Oliveira et al., 2016; 2015; Zhang et al., 2015; Krüger et al., 2009; Autio et al., 2001; Krüger et al., 2000).

Considerando a importância da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ, o objetivo desse trabalho foi identificar e analisar os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam a intenção empreendedora dos estudantes de administração e ciências contábeis da UFSJ.

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

Para além desta introdução, este trabalho está estruturado em quatro seções. Na seção dois, apresenta-se o referencial teórico da pesquisa. Logo após, apresenta-se o método de pesquisa utilizado e os procedimentos de coleta e análise de dados. Em seguida, na seção quatro, são demonstrados os resultados obtidos e as considerações finais deste trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A intenção empreendedora pode ser definida como a “convicção autorreconhecida por uma pessoa de que pretende criar um novo empreendimento e conscientemente planeja fazê-lo em algum momento no futuro” (Thompson, 2009, p. 676). Couto *et al.* (2010, p. 3) afirmam que “a observação de oportunidades de negócio, o desenvolvimento de atitudes e atividades empreendedoras é fortemente influenciado pelas aspirações cognitivas do indivíduo, ou seja, suas intenções empreendedoras”. O processo de iniciar uma nova empresa pode, assim, ser considerado voluntário com intencionalidade consciente (Liñán *et al.*, 2013 & Krueger *et al.*, 2000).

Novos negócios surgem ao longo do tempo e envolvem um planejamento considerável (Krueger *et al.*, 2000). Diante dessa perspectiva, Liñán e Chen (2009) defendem que a intenção é o primeiro passo no processo de criação de um novo empreendimento, o antecedente imediato do comportamento.

Ajzen (1991) define como antecedentes motivacionais as variáveis cognitivas que influenciam a intenção. De acordo com Hecke (2011), para que a intenção empreendedora se transforme em ação, é fundamental que se perceba possuir conhecimento, habilidade e experiência para começar um empreendimento, além de reconhecer boas oportunidades para iniciar o negócio.

No caso de estudantes, Lima *et al.* (2015, p. 421) afirmam que “mesmo que não queiram ter ou não venham a ter seu próprio negócio, os estudantes podem ser beneficiados em sua formação com o desenvolvimento, mesmo que moderado, de conhecimentos, atenção e/ou habilidades propícias ao empreendedorismo”.

De acordo com a perspectiva cognitiva da tomada de decisão, estudantes fazem uma escolha racional e orientada por objetivos quando decidem sobre suas carreiras profissionais (Schlaefter *et al.*, 2017). Kacperczyk (2013) concluiu que para além da oferta de disciplinas relacionadas ao empreendedorismo, o ambiente universitário oferece contribuições à atividade empreendedora pelo fortalecimento de relações entre ex-colegas que iniciaram seus negócios e, ao serem bem-sucedidos, passam a servir de exemplos positivos. Em vista disso, a literatura recente tem buscado

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

compreender as motivações que levam jovens universitários a seguir carreira empreendedora (Loiola et al., 2016).

Nesse sentido, a intenção empreendedora se volta para o estudo da predição e propensão do indivíduo se tornar um empreendedor (Souza et al., 2018). Nos últimos anos, pesquisas sobre o tema têm sido fortemente baseadas na TCP, de Ajzen (1991) (Loiola et al., 2016 & Davidsson, 1995).

De acordo com Ajzen (1991), a intenção é considerada o melhor preditor do comportamento. Dessa forma, a Teoria do Comportamento Planejado permite prever e explicar o comportamento humano por meio da intenção do indivíduo em realizar um determinado comportamento (Ajzen, 1991).

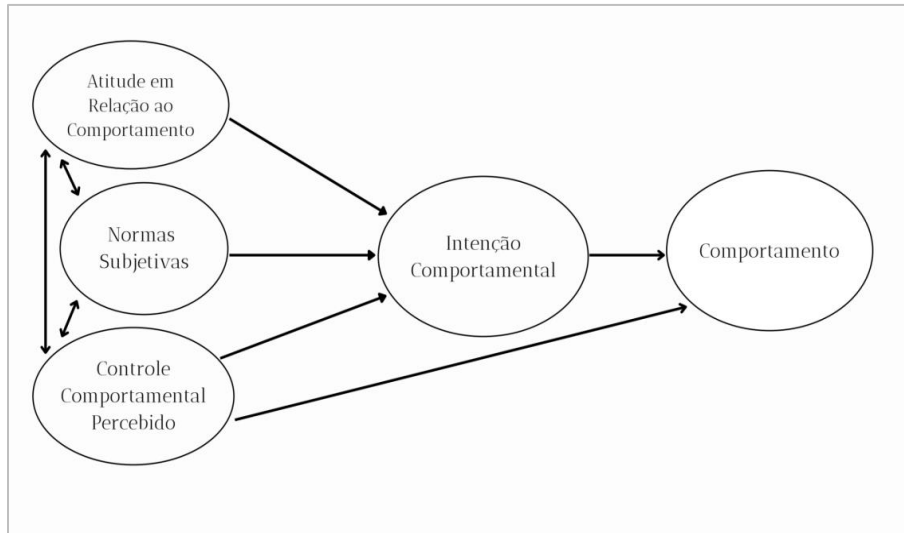
Krueger *et al.* (2000, p. 411) postulam que as intenções são a melhor forma de prever um comportamento planejado, “particularmente quando esse comportamento é raro, difícil de observar ou envolve atrasos imprevisíveis”. Ademais, os autores apontam que, empiricamente, sabe-se que variáveis situacionais (como *status* de emprego ou níveis educacionais) ou individuais (como características demográficas ou traços de personalidade) são preditores ruins. Ou seja, prever a atividade empreendedora modelando apenas fatores situacionais ou pessoais geralmente resulta em poder explicativo pequeno e validade preditiva menor.

Assim, os modelos baseados nas intenções aumentam a capacidade de explicar e prever a atividade empreendedora, pois todo comportamento é precedido de uma intenção (Krueger et al., 2000 & Ajzen, 1991). Por conseguinte, Liñán e Chen (2009) argumentam que a literatura tem apontado que as intenções desempenham um papel muito importante na decisão de iniciar uma nova empresa.

Nesse sentido, a literatura sobre intenção empreendedora tem demonstrado que a TCP predomina como fundamentação teórica para a compreensão e previsão da intenção empreendedora (IE) (Brito et al., 2022; Marcon et al., 2020; Sousa et al., 2020; Krüger et al., 2019; Zhang *et al.*, 2015).

De acordo com a TCP, a intenção empreendedora indica o esforço que a pessoa fará para realizar o comportamento empreendedor (Liñán & Chen, 2009) (Figura 1).

Figura 1 - Modelo da Teoria do Comportamento Planejado (TCP)



Fonte: Ajzen (1991).

Como é possível observar na Figura 1, a TCP fornece uma estrutura de pesquisa baseada na psicologia social (Liñán & Fayolle, 2015) com considerável valor preditivo (Krueger et al., 2000), na qual se verifica que a intenção de realizar um determinado comportamento é resultado de três determinantes conceituais: (i) atitude em relação ao comportamento; (ii) normas subjetivas; e (iii) controle comportamental percebido (Ajzen, 1991; Fayolle & Gailly; Lassas-Clerc, 2006).

Krueger et al. (2000) apontam que dois desses antecedentes refletem o desejo do indivíduo em realizar o comportamento, enquanto o terceiro representa a percepção de que o comportamento é pessoalmente controlável. A combinação desses componentes leva à formação de uma intenção comportamental (Ajzen, 2002).

Atitude em relação ao comportamento refere-se à avaliação pessoal positiva ou negativa do indivíduo sobre o comportamento em questão (Ajzen, 1991). Liñán e Chen (2009) consideram que essa avaliação compreende aspectos afetivos, como se sentir pessoalmente atraído pela atividade empreendedora, mas também considerações avaliativas, como as vantagens de se abrir uma empresa.

As normas subjetivas exploram a pressão social percebida para realizar ou não realizar o comportamento empreendedor (Ajzen, 1991 & Liñán & Chen, 2009). Ou seja, representam a

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

percepção do indivíduo sobre as expectativas de pessoas importantes em sua vida e o que elas pensam a respeito da realização de um determinado comportamento (Ajzen, 2002; Krueger et al., 2000). Em suma, enquanto antecedente motivacional da intenção empreendedora, as normas sociais definem a influência do ambiente externo sobre o desejo de iniciar um negócio (Zhang et al., 2015), levando em consideração o contexto social do indivíduo (Liñán et al., 2013).

De acordo com a revisão de literatura feita por Ferreira *et al.* (2017), possíveis variações no efeito das normas subjetivas se justificam em função de aspectos culturais, principalmente quando os indivíduos entrevistados são de um país predominantemente individualista ou coletivista.

Controle comportamental percebido mede a crença do indivíduo de que o comportamento pretendido está sob seu controle (Krueger, 2009), ou seja, reflete qual o grau de capacidade percebida para realizar o comportamento (Ajzen, 2002) e produzir o resultado que deseja. Trata-se, portanto, de um aspecto associado à percepção de competência situacional (Krueger et al., 2000). Ajzen (2002) posteriormente argumentou que o controle comportamental era uma combinação de *locus* de controle (isso é controlável) e autoeficácia (eu sou capaz de fazer isso). Nesse sentido, o autor define que um alto nível de controle comportamental deve fortalecer a intenção do indivíduo em realizar o comportamento.

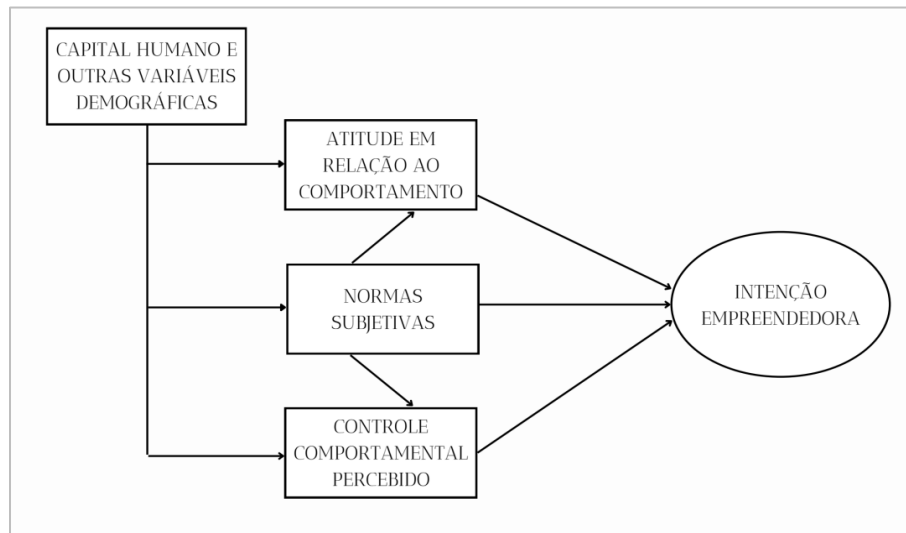
Autio et al. (2001) determinam que este é um antecedente decisivo, pois se o indivíduo julga não ter controle sobre o comportamento em questão, provavelmente este não será realizado. Ajzen (1991) assevera que quanto mais favorável for a atitude e a norma subjetiva, e quanto maior for o controle comportamental percebido, mais forte deve ser a intenção do indivíduo de realizar o comportamento considerado.

Com base na TCP, Liñán e Chen (2009) desenvolveram um novo modelo (Figura 2), incorporando variáveis demográficas e de capital humano ao modelo anteriormente proposto por Ajzen (1991). Na literatura recente, essa perspectiva é refletida em estudos que buscam analisar a relevância da educação na formação do comportamento empreendedor (Krüger *et al.*, 2019 & Liñán, 2004), assim como da experiência (Carvalho & Gonzáles, 2006; Liñán & Chen, 2009; Oliveira & Leal, 2015), especialmente pelo aumento do conhecimento que esses fatores proporcionam. De modo geral, um maior conhecimento proporciona maior consciência e realismo das percepções sobre a opção de carreira em empreendedorismo (Liñán, 2004), o que influencia indiretamente as intenções. Portanto, infere-se que as diferentes circunstâncias que modificam o nível de conhecimento empreendedor tenham efeitos distintos e significativos sobre os

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

antecedentes motivacionais da intenção (Liñán & Chen, 2009). Dessa forma, modelo de Liñán e Chen (2009) foi proposto.

Figura 2 - Modelo de Intenção Empreendedora



Fonte: Liñán e Chen (2009).

Para validar o modelo, os autores desenvolveram o Questionário de Intenção Empreendedora (QIE), instrumento de coleta de dados que permite testar e mensurar a intenção empreendedora dos indivíduos por meio de uma escala psicométrica (Souza et al, 2018). Nesse contexto, o trabalho de Liñán e Chen (2009) ganhou importância na literatura do tema ao realizar a mensuração da intenção empreendedora através dos fatores da TCP (Martins et al., 2019).

Os resultados da pesquisa indicaram os três antecedentes da TCP influenciando a intenção empreendedora direta ou indiretamente, diferindo apenas na importância relativa de cada antecedente, confirmando que o processo cognitivo que leva a intenção é essencialmente semelhante em diferentes culturas. Aplicado em dois países com configurações sociais e culturais distintas (Espanha e Taiwan), o modelo proposto se mostrou adequado para mensurar a intenção empreendedora em diferentes países e contextos (Liñán & Chen, 2009).

Na literatura recente, esse instrumento de coleta de dados tem sido utilizado em diferentes realidades (Martins et al., 2019). No Brasil, grande parte das pesquisas que utilizaram estudantes universitários como amostra empregou o QIE para a coleta dos dados (Marcon et al., 2021; Marcon et al., 2020; Paiva et al., 2020; Sousa et al., 2020 Krueger et al., 2019; Hecke, 2011).

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

A padronização dos instrumentos de medição é o que permite que diferentes pesquisas sejam comparadas (Sousa et al., 2020; Marcon et al., 2020; Paiva et al., 2020; Krüger et al. 2019; Ferreira et al., 2017; Camozzato et al., 2018; Birchler & Teixeira, 2017; Oliveira & Leal 2015; Zhang et al., 2015; Liñán et al., 2011; Liñán & Chen, 2009; Krueger et al., 2000).

3. MÉTODO DE PESQUISA

Visando alcançar o objetivo de identificar e analisar os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam a intenção empreendedora dos estudantes, os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa são de natureza quantitativa e descritiva. De acordo com Günther (2006), a abordagem quantitativa possui características como o controle máximo sobre o contexto e o experimento e possibilita a neutralidade e objetividade da pesquisa, não considerando crenças e percepções do pesquisador. Em outros termos, os resultados das pesquisas quantitativas são dados empíricos, características da realidade social (Ramos, 2013).

Definiu-se como população de estudo os alunos dos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis da UFSJ. Obteve-se como amostra 203 alunos, sendo 143 do curso de Administração e 60 do curso de Ciências Contábeis.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado com base no Questionário de Intenção Empreendedora (QIE) de Liñan e Chen (2009), bem como uma parte dedicada aos dados sociodemográficos dos respondentes. O questionário foi enviado às coordenações dos cursos selecionados e para a Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei (ASCOM), para que fosse feita a divulgação para os alunos dos cursos mencionados e também foi aplicado presencialmente nas salas de aula. A participação foi voluntária e a coleta de dados foi realizada entre os meses de junho e setembro de 2022.

Conforme proposto por Liñán e Chen (2009), a escala utilizada no QIE é do tipo Likert de sete pontos, composta por 20 itens, onde se pede ao respondente para manifestar seu grau de concordância, desde discordo totalmente (1) até concordo totalmente (7). Os dados sociodemográficos e de capital humano foram compostos pelas seguintes questões: nome, telefone, curso, período, turno, idade, gênero, renda familiar mensal, estado civil, relação com o empreendedorismo (se os pais são empreendedores, se possuem amigos que empreendem e se possuem experiência como empreendedor ou empresário), se possuem experiência como

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

trabalhador autônomo, se já trabalharam profissionalmente, se possuem educação em gestão de negócios e se cursaram ou estão cursando disciplina de empreendedorismo na UFSJ.

Considerando o caráter explicativo desta pesquisa, foram empregadas técnicas estatísticas que relacionaram as variáveis pesquisadas. Dessa forma, foi possível identificar o potencial explicativo dos antecedentes motivacionais que influenciam a escolha dos estudantes de se tornarem empreendedores.

O tratamento e a análise dos dados coletados foram realizados com a utilização do software SPSS. Todos os itens da escala foram submetidos a testes de confiabilidade e validade dos fatores. Para isso, utilizou-se a análise fatorial, os testes *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e esfericidade de Bartlett como medidas de adequação da amostra, além da assimetria e curtose dos dados. Após validadas as dimensões, foram realizadas as correlações entre as variáveis da TCP (atitude, normas subjetivas, controle comportamental e intenção empreendedora). Além disso, foram realizadas regressões para analisar o grau de predição de uma ou mais variáveis independentes no comportamento de uma variável dependente.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A maioria dos respondentes foi do sexo feminino (55,7%), a idade média da amostra foi de 22 anos e predominantemente solteiros (95,6%). Quanto à renda familiar mensal, 26,1% dos respondentes declararam uma renda de um a dois salários mínimos. A maioria (66%) afirmou que os pais não são empreendedores. Em contrapartida, 78,8% declarou possuir amigos que são empresários ou empreendedores. 69,5% não possuiu experiência como empreendedor ou empresário, mas 54,2% já trabalharam por conta própria, como autônomo ou “fazendo bicos”. Quanto à experiência profissional, a maior parte dos respondentes (64%) possuiu experiência como empregado, contratado por uma empresa. No que se refere ao âmbito acadêmico e à educação, 57,1% não possuíam capacitação em gestão de negócios e 61,6% não cursaram disciplina de empreendedorismo na universidade.

Tabela 1. Índice KMO, carga fatorial, média e desvio padrão.

	Carga	Média	Desvio
Atitude em relação ao comportamento - KMO = 0.878			
Ser um empreendedor traz mais vantagens do que desvantagens para mim.	.809	5.2562	1.45677
Uma carreira como empreendedor me parece atrativa	.935	5.5369	1.62053
Se eu tivesse uma oportunidade e recursos necessários, eu gostaria de iniciar	.880	5.6108	1.65346
Ser empreendedor me traria grande satisfação.	.947	5.4187	1.52765
Entre as várias opções, eu preferiria ser um empreendedor.	.914	4.8227	1.75986
Normas subjetivas - KMO = 0.683			
Os seus parentes.	.785	5.8571	1.17914
Os seus amigos.	.879	6.0985	1.03892
Os seus colegas.	.883	5.6207	1.20599
Intenção empreendedora - KMO = 0.921			
Estou disposto a fazer tudo o que for necessário para ser um empreendedor.	.878	4.3793	1.81003
Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor.	.931	4.4384	1.93966
Farei todos os esforços para iniciar e manter o meu próprio negócio.	.918	4.7537	1.83703
Eu estou decidido a iniciar uma empresa no futuro.	.947	4.6946	1.91019
Tenho pensado muito seriamente em iniciar uma empresa.	.912	4.4828	1.98346
Tenho uma intenção real de iniciar uma empresa algum dia.	.939	4.867	1.93893
Controle comportamental percebido - KMO = 0.829			
Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.	.676	3.734	1.41358
Estou preparado para iniciar um negócio viável.	.850	3.867	1.58178
Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.	.849	4.2020	1.51677
Eu conheço os detalhes práticos necessários para iniciar uma empresa.	.825	4.0246	1.63936
Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.	.758	4.2020	1.65116
Se eu tentasse iniciar uma empresa, eu teria alta probabilidade de sucesso.	.776	4.4089	1.33695

Fonte: elaboração própria.

Quanto à estatística descritiva, as médias totais variam entre 3,73 e 6,1 e os desvios padrão entre 1,04 e 1,98 (Tabela 1). Analisando as respostas que avaliam a atitude em relação ao comportamento, a menor média ($\bar{x} = 4,82$) foi a da variável “Entre as várias opções, eu preferiria ser um empreendedor”, o que mostra que os estudantes podem não priorizar a carreira empreendedora face às outras opções de trabalho, ao passo em que a maior média ($\bar{x} = 5,61$) se encontra na variável “Se eu tivesse uma oportunidade e recursos necessários, eu gostaria de iniciar

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

uma empresa”, indicando que o acesso a recursos pode motivar os estudantes a iniciar seu próprio empreendimento.

Com relação às normas subjetivas, a menor média ($\bar{x} = 5,62$) pode ser observada na variável “Os seus colegas”, o que pressupõe uma possível menor aprovação por parte destes, enquanto a maior média ($\bar{x} = 6,1$), da variável “Os seus amigos”, indica maior aprovação dos amigos dos respondentes e possivelmente uma maior influência positiva na decisão do estudante se tornar um empreendedor no que se refere à aprovação no seu ciclo de pessoas próximas.

A variável “Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim”, apresentou a menor média ($\bar{x} = 3,73$) do controle comportamental percebido, demonstrando que os estudantes enxergam possíveis dificuldades no processo de empreender, insegurança que se pode atribuir à conhecida taxa de mortalidade de micro e pequenos empreendedores no Brasil. Por outro lado, a variável “Se eu tentasse iniciar uma empresa, eu teria alta probabilidade de sucesso”, com a maior média ($\bar{x} = 4,41$), sugerindo um grau significativo de competência percebida, o que deve fortalecer a intenção do indivíduo em realizar o comportamento empreendedor.

Quanto à intenção empreendedora, a menor média ($\bar{x} = 4,38$) foi a da variável “Estou disposto a fazer tudo o que for necessário para ser um empreendedor”, enquanto a maior ($\bar{x} = 4,87$) se encontra na questão “Tenho uma intenção real de iniciar uma empresa algum dia”, resultados que apontam que os estudantes têm intenção de empreender em algum momento, mas que essa pode não ser uma prioridade.

Além disso, verifica-se que as variáveis “Os seus amigos”, “Os seus parentes” e “Os seus colegas”, todas que se referem às normas subjetivas, foram as variáveis com maiores médias. Portanto, a aprovação e incentivo de pessoas próximas podem influenciar positivamente a decisão do estudante de iniciar um empreendimento.

Em seguida, procedeu-se com a validação das escalas e de suas dimensões, utilizando-se a técnica estatística análise fatorial exploratória, com o objetivo de analisar as inter-relações (correlações) das variáveis, definindo conjuntos de variáveis que são fortemente inter-relacionadas (fatores) (Hair et al., 2009). Para o tamanho da amostra, Hair et al. (2009) definem que é considerada como carga fatorial significativa valores com uma carga fatorial maior que 0,40. Todas as quatro dimensões atenderam essa condição e tiveram um resultado satisfatório.

Quanto maior uma carga fatorial, mais associada com o fator se encontra a variável (Hair et al., 2009). Isto posto, as maiores cargas fatoriais quanto ao construto “Atitude em relação ao

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.

comportamento” referem-se às variáveis “Ser empreendedor me traria grande satisfação” (0,947) e “Uma carreira como empreendedor me parece atrativa” (0,935). No construto “Normas subjetivas”, a maior carga foi encontrada na variável “Os seus colegas” (0,883). Quanto à “Intenção empreendedora”, as maiores cargas fatoriais encontram-se nas variáveis “Eu estou decidido a iniciar uma empresa no futuro” (0,947) e “Tenho uma intenção real de iniciar uma empresa algum dia” (0,939). No construto “Controle comportamental percebido”, as maiores cargas foram identificadas nas variáveis “Estou preparado para iniciar um negócio viável” (0,850) e “Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa” (0,849).

Como medida de adequação da amostra, optou-se pelos testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e esfericidade de Bartlett. Para Hair et al. (2009), são considerados aceitáveis valores entre 0,5 e 1,0. A “atitude em relação ao comportamento” apresentou índice KMO de 0,878 com alta significância ($p = 0,000$) no teste de Bartlett. A variância total do modelo é explicada por 80,71% do único fator extraído. As “normas subjetivas” demonstraram índice KMO de 0,683 com significância ($p = 0,000$), e a variância total do modelo foi de 72,33%. A “intenção empreendedora” apresentou KMO de 0,921 com alta significância ($p = 0,000$) e uma variância total de 84,84%. O “controle do comportamento percebido” apresentou o índice 0,829 com alta significância ($p = 0,000$) e 62,61% da variância do modelo é explicada pelo único fator extraído. O grau de ajuste dos dados indica que o método é adequado para o tratamento dos dados e interpretação da variância.

Além disso, foram realizados testes para qualificar a normalidade multivariada de todos os itens das escalas por meio da assimetria e curtose, e os maiores coeficientes encontrados no valor de -1,563 e 3,25, respectivamente (Tabela 2).

Tabela 2. Assimetria e curtose.

Atitude em relação ao comportamento	Assimetria	Curtose
Ser um empreendedor traz mais vantagens do que desvantagens para mim.	-.726	-.096
Uma carreira como empreendedor me parece atrativa.	-1.364	1.134
Se eu tivesse uma oportunidade e recursos necessários, eu gostaria de iniciar uma	-1.352	1.064
Ser empreendedor me traria grande satisfação.	-.968	.356
Entre as várias opções, eu preferiria ser um empreendedor.	-.668	-.450
Normas subjetivas		
Os seus parentes.	-1.330	2.530
Os seus amigos.	-1.563	3.247
Os seus colegas.	-.808	.241
Intenção empreendedora		
Estou disposto a fazer tudo o que for necessário para ser um empreendedor.	-.514	-.675

Meu objetivo profissional é tornar-me um empreendedor.	-.397	-1.049
Farei todos os esforços para iniciar e manter o meu próprio negócio.	-.570	-.729
Eu estou decidido a iniciar uma empresa no futuro.	-.494	-.865
Tenho pensado muito seriamente em iniciar uma empresa.	-.339	-1.088
Tenho uma intenção real de iniciar uma empresa algum dia.	-.658	-.775
Controle comportamental percebido		
Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim.	-.230	-.808
Estou preparado para iniciar um negócio viável.	-.135	-1.068
Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.	-.321	-.756
Eu conheço os detalhes práticos necessários para iniciar uma empresa.	-.237	-.996
Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.	-.434	-.858
Se eu tentasse iniciar uma empresa, eu teria alta probabilidade de sucesso.	-.368	-.072

Fonte: elaboração própria.

Em termos estatísticos, verifica-se que somente a variável “Os seus amigos”, do construto “Normas subjetivas”, não possui uma distribuição normal, já que o coeficiente da curtose foi de 3,25, acima do limite de 3. Por outro lado, todas as demais variáveis apresentaram os coeficientes de assimetria e curtose que satisfazem os requisitos de uso da estatística paramétrica, ou seja, os maiores valores de coeficiente encontraram-se dentro dos parâmetros descritos por Marôco (2010), inferiores a 2 para assimetria e a 3 para curtose, pressupondo a normalidade dos dados. Portanto, manteve-se a variável original “Os seus amigos”, por ser a única.

Após testar todas as dimensões das escalas, foi realizado o cálculo de correlação bivariada (Tabela 3), observando-se a correlação linear entre a média das variáveis atitude em relação ao comportamento, normas subjetivas, intenção empreendedora e controle comportamental percebido com as variáveis demográficas e antecedentes.

Tabela 3. Correlação linear.

N	Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1	Curso	1															
2	Idade	-.139*	1														
3	Gênero	-.057	-.013	1													
4	Renda familiar	.166*	-.135	-.090	1												
5	Estado civil	.175*	-.289**	.097	.141*	1											
6	Pais empreendedores	.123	-.239**	-.029	.243**	.054	1										
7	Amigos empreendedores	.061	.025	-.026	.153*	.064	.041	1									
8	Experiência empreendedora	.101	.006	.032	.134	.039	.179*	.134	1								
9	Experiência de trabalho conta própria	.033	.041	-.005	-.103	-.054	-.029	.056	.331**	1							
10	Experiência de trabalho profissional	-.283**	.223**	.054	-.222**	-.062	-.134	.089	.051	.135	1						
11	Educação em gestão empreendedora	.125	.199**	.112	-.058	-.007	-.012	.132	.139*	.157*	.172*	1					
12	Disciplina empreendedorismo	.157*	.208**	-.049	.108	-.076	.032	.137	.114	.178*	.149*	.298**	1				
13	Atitude	.115	-.034	-.139*	.061	-.107	.072	.026	.292**	.233**	-.003	-.056	.035	1			
14	Normas subjetivas	-.046	.095	.228**	.169*	-.015	.001	.032	.078	-.029	.071	-.011	.024	.105	1		
15	Controle comportamental	.170*	.167*	-.034	-.015	-.110	.023	.105	.379**	.314**	.097	.310**	.310**	.432**	.200**	1	
16	Intenção empreendedora													.882**	.056	.530**	1

*. Correlação é significativa 5%.

**.. Correlação é significativa 1%.

Fonte: elaboração própria.



Observa-se uma correlação positiva e significativa a 1% entre a atitude e as variáveis experiência empreendedora ($r = 0,292$) e experiência de trabalho por conta própria ($r = 0,233$), demonstrando que principalmente uma experiência prévia como empreendedor ou autônomo está relacionada com uma atitude favorável em relação ao empreendedorismo. As normas subjetivas expressaram correlação positiva com o gênero ($r = 0,228$) e a renda familiar ($r = 0,169$).

Em relação ao controle comportamental percebido, os resultados indicaram uma correlação positiva com as variáveis curso ($r = 0,170$), idade ($r = 0,167$), experiência empreendedora ($r = 0,379$), experiência de trabalho por conta própria ($r = 0,314$), educação em gestão empreendedora ($r = 0,310$), ter cursado disciplina de empreendedorismo ($r = 0,310$), atitude pessoal ($r = 0,432$) e normas subjetivas ($r = 0,200$). Esse resultado demonstra que a experiência prévia em algum empreendimento próprio, o trabalho como autônomo, a participação em cursos sobre gestão de negócios e cursar disciplina de empreendedorismo na universidade correlaciona positivamente no com a percepção de controle dos estudantes sobre a criação de um novo empreendimento, o que influencia a sua atitude pessoal face ao empreendedorismo e uma possível maior aprovação de pessoas próximas.

Observa-se também uma correlação positiva e significativa a 1% entre a variáveis intenção empreendedora e atitude em relação ao comportamento ($r = 0,882$), indicando que quanto maior e mais positiva for a atitude em relação ao comportamento empreendedor do aluno, maior a sua intenção empreendedora. Da mesma forma, os resultados mostraram que quanto maior for o grau de controle comportamental percebido, maior será a intenção empreendedora do estudante ($r = 0,530$).

Para melhor análise dos resultados da pesquisa, os dados foram submetidos à análise de regressão linear. Esse tipo de investigação possibilita verificar a existência de uma relação funcional entre uma variável dependente com uma ou mais variáveis independentes.

Para isso, foram realizados 7 modelos, 2 de regressões lineares simples e 5 de regressões lineares múltiplas, para avaliar o poder de explicação de uma única variável dependente (atitude em relação ao comportamento, normas subjetivas e controle comportamental percebido) por uma ou múltiplas (Tabela 4).

Tabela 4. Regressão linear.

Variáveis Independentes		Variáveis dependentes			
		Atitude	Normas subjetivas	Controle comportamental	Intenção Empreendedora
Atitude	B				,980***
Normas subjetivas	B	,156		,249***	-,123**
Controle comportamental	B				,285***
Curso	B	,368	-,039	,329*	
Idade	B	-,014	,025	,021	
Gênero	B	-,335*	,490***	-,100	
Renda familiar	B	,034	,163***	-,041	
Estado civil	B	-,937*	-,166	-,528	
Pais empreendedores	B	,025	-,036	-,025	
Amigos empreendedores	B	-,025	,002	,048	
Experiência empreendedora	B	,770***	,129	,749***	
Experiência de trabalho conta própria	B	,465**	-,063	,349**	
Experiência de trabalho profissional	B	,100	,173	,033	
Educação em gestão empreendedora	B	-,306	-,122	,406***	
Disciplina empreendedorismo	B	-,070	-,009	,394**	

*. Significativo 10%.

** . Significativo 5%.

***. Significativo 1%.

Fonte: elaboração própria.

Na regressão linear simples onde a variável atitude em relação ao comportamento foi empregada como variável dependente, a variável normas subjetivas apresentou *p*-valor de 0,136 (não significativo), o que indica que as normas subjetivas não explicam a atitude em relação ao comportamento. Já na segunda regressão simples, a variável controle comportamental percebido foi utilizada como dependente, e as normas subjetivas expressaram *p*-valor de 0,004, significativo a 1%, revelando uma causalidade positiva

Empreender ou não? intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis

entre a aprovação de pessoas próximas e o controle comportamental percebido pelo estudante. Esse resultado vai ao encontro do que foi apontado por Liñán e Chen (2009), de que quando os indivíduos sentem que pessoas de referência aprovariam sua decisão de se tornar empreendedores, eles se sentiriam mais aptos a realizar o comportamento pretendido satisfatoriamente.

Em seguida, elaborou-se três modelos de regressão múltipla com variáveis dependentes atitude em relação ao comportamento, normas subjetivas e controle comportamental percebido e as variáveis independentes as demográficas e de capital humano. Consta-se que ao empregar a atitude em relação ao comportamento como variável dependente, as variáveis gênero (p -valor = 0,090), estado civil (p -valor = 0,062), experiência como empreendedor (p -valor = 0,001) e experiência como trabalhador por conta própria (p -valor = 0,028) foram significativas, demonstrando que principalmente uma experiência prévia como empreendedor ou autônomo podem estimular uma atitude favorável em relação ao empreendedorismo.

Com relação às normas subjetivas como variável dependente, somente as variáveis gênero (p -valor = 0,000) e renda familiar mensal (p -valor = 0,003) foram significativas.

Na avaliação do controle comportamental como variável dependente, evidenciou-se as variáveis curso (p -valor = 0,064), experiência como empreendedor (p -valor = 0,000), experiência como trabalhador por conta própria (p -valor = 0,031), educação em gestão de negócios (p -valor = 0,013) e educação em disciplina de empreendedorismo na universidade (p -valor = 0,019) como variáveis significativas, ou seja, que explicam e influenciam diretamente o controle comportamental percebido pelos estudantes.

Esse resultado evidencia a importância dos alunos já terem tido experiência em algum empreendimento próprio e participarem de cursos sobre gestão de negócios e empreendedorismo para que compreendam uma maior percepção de controle sobre a criação de um novo empreendimento. Além disso, um alto nível de controle comportamental deve fortalecer a intenção do indivíduo em realizar o comportamento empreendedor (Ajzen, 2002). Ainda observou-se que os alunos de Administração tendem a ter uma maior percepção de controle do que os alunos do curso de Ciências Contábeis. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que os alunos de Administração possuem a disciplina de empreendedorismo como obrigatória na matriz curricular do curso.

Espera-se que, ao estudar esta disciplina, os alunos adquiram os conhecimentos básicos e ganhem interesse para se tornarem potenciais empreendedores depois de formados (Mat *et al.*, 2015).

Por fim, sucedeu-se com nova regressão linear múltipla, onde a intenção empreendedora foi utilizada como variável dependente e as três variáveis da TCP como independentes: atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido.

Como é possível observar, os resultados expressaram significância de 1% entre intenção empreendedora e a atitude em relação ao comportamento (p -valor = 0,000), ou seja, quanto maior e mais favorável for a atitude em relação ao comportamento empreendedor, maior será a intenção do estudante de empreender em algum momento. Isso significa que a carreira de empreendedor é percebida como favorável pelos alunos de Administração e Ciências Contábeis de diferentes períodos, sendo vista como mais atraente do que o trabalho formal. Liñán e Chen (2009) consideram que essa avaliação positiva compreende aspectos afetivos, como se sentir pessoalmente atraído pela atividade empreendedora, mas também considerações avaliativas, como as vantagens de se abrir uma empresa.

O controle comportamental percebido também apresentou significância de 1%, revelando uma associação positiva entre intenção empreendedora e controle comportamental, indicando que quanto maior for a percepção de controle e competência do aluno, maior será a sua intenção empreendedora. Além disso, esse resultado demonstra que os estudantes acreditam que um possível comportamento empreendedor está sob seu controle, ou seja, os estudantes possuem uma percepção de capacidade para realizar o comportamento e produzir o resultado que desejam. Ajzen (2002) argumentou que o controle comportamental é uma combinação de *locus* de controle (isso é controlável) e autoeficácia (eu sou capaz de fazer isso). Nesse sentido, o autor define que um alto nível de controle comportamental deve fortalecer a intenção do indivíduo em realizar o comportamento.

As normas subjetivas manifestaram significância de 5% (p -valor = 0,032), mas com um Beta negativo ($B = -.123$), ou seja, quanto maior for a influência das normas sociais, menor será a intenção do estudante em empreender, resultado diferente do esperado.

5. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo consistiu em identificar e analisar os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam a intenção empreendedora dos estudantes de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de São João del-Rei. O modelo teórico padrão para explicar as intenções e comportamentos empreendedores de estudantes é a TCP (Ajzen, 1991). Um dos benefícios da estrutura desta teoria, de acordo com Krueger et al. (2000), é que, centrando-se nas intenções ao invés de simplesmente nas atitudes, aumenta-se a capacidade de identificação de tendências de longo prazo.

Por meio das correlações positivas e significativas obtidas entre as variáveis propostas pela TCP, foi possível confirmar a validade preditiva do QIE, instrumento desenvolvido por Liñán e Chen (2009). Nesse sentido, foi possível concluir que as variáveis preditoras e mediadoras do comportamento humano (atitude, normas subjetivas e controle comportamental), propostas por Ajzen (1991), estão associadas à intenção empreendedora, reforçando a tese de que fatores individuais, sociais e de percepção ajudam a explicar a intenção empreendedora.

Ao avaliar a influência dos componentes da TCP sobre a intenção empreendedora dos estudantes, foi possível verificar que a atitude dos alunos em relação à criação de uma nova empresa e o controle comportamental percebido exercem influência positiva na intenção de empreender. À semelhança de estudos prévios (Liñán et al, 2013; Liñán et al., 2011; Autio *et al.*, 2001; KRUEGER et al., 2000), as normas subjetivas não parecem influenciar a intenção empreendedora.

Krueger et al. (2000) apontam que as normas subjetivas expressam menor poder preditivo da intenção empreendedora principalmente em pessoas com um forte *locus* de controle interno. De toda forma, verifica-se que exerce um efeito indireto na intenção de empreender, influenciando positivamente o controle comportamental percebido pelos alunos.

Além disso, os resultados demonstraram que os estudantes com experiência empreendedora prévia e os que já trabalharam como autônomo apresentam níveis mais elevados de intenção empreendedora, indicando que existe uma relação positiva entre experiências profissionais passadas e intenção empreendedora, resultado que converge com a literatura (Krüger et al., 2019; Kuckertz & Wagner, 2010).

Ademais, a educação empreendedora, nesse estudo representada pela participação em cursos sobre gestão de negócios e/ou cursar disciplina de empreendedorismo na universidade, também contribui para que os estudantes compreendam uma maior percepção de controle sobre a criação de um novo empreendimento. Corroborando achados da literatura (Zarelli et al., 2021; Krüger et al., 2019 Adekiya & Ibrahim, 2016; Lima et al., 2015; Küttim et al., 2014), a educação em empreendedorismo tem um provável impacto positivo sobre as intenções empreendedoras.

A relevância da experiência prévia e da educação empreendedora tem sido amplamente destacada, especialmente pelo aumento do conhecimento que proporciona (Carvalho & González, 2006; Autio et al., 2001; Krüger et al., 2019). Em geral, um maior conhecimento também proporcionará diretamente uma maior consciência sobre a existência dessa opção de carreira profissional (Liñán, 2004).

A existência de negócios na família, por sua vez, não exerceu influência significativa na intenção empreendedora dos estudantes, contrariando achados como de Carr e Sequeira (2007), que encontraram forte influência da experiência empreendedora da família na criação de negócios por estudantes.

Para estudos futuros sugere-se fazer essa mesma análise em outros cursos não somente de graduação em administração e ciências contábeis, considerando a relevância do empreendedorismo para do desenvolvimento econômico e social do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adekiya, A. A., & Ibrahim, F. (2016). Entrepreneurship intention among students. The antecedent role of culture and entrepreneurship training and development. *The international journal of management education*, 14(2), 116-132.
- Ajzen, I. (1991). The Theory of Planned Behavior. *Organizational Behavior And Human Decision Processes*. 50, 179-211.
- Ajzen, I. (2002). Perceived behavioral control, self-efficacy, locus of control, and the theory of planned behavior 1. *Journal of applied social psychology*, 32(4), 665-683.
- Autio, E., H. Keeley, R., Klofsten, M., GC Parker, G., & Hay, M. (2001). Entrepreneurial intent among students in Scandinavia and in the USA. *Enterprise and Innovation Management Studies*, 2(2), 145-160.

- Birchler, E. A., & Teixeira, A. (2018). A Intenção Empreendedora de Estudantes e os fatores que a influenciam. *Revista de Negócios*, 22(2), 7-22.
- Brito, B. A. V. D., Kuniyoshi, M. S., Cappellozza, A., & Vieira, A. M. (2022). Determining factors of entrepreneurial intention: a study with entrepreneurs and potential entrepreneurs of the state of Acre. *Revista de Administração da UFSM*, 15, 290-310.
- Camozzato, E. S., Serafim, F. K., de Melo Cavalheiro, C. C., Lizote, S. A., & Verdinelli, M. A. (2018). Estilo cognitivo e intenção empreendedora dos estudantes de administração. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 11(3), 105-121.
- Carr, J. C., & Sequeira, J. M. (2007). Prior family business exposure as intergenerational influence and entrepreneurial intent: A theory of planned behavior approach. *Journal of business research*, 60(10), 1090-1098.
- Carvalho, P., & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento organizacional e gestão*, 12(1)43-65.
- Couto, C. D., Mariano, S. R. H., & Mayer, V. F. (2010). Medição da intenção empreendedora no contexto brasileiro: desafios da aplicação de um modelo internacional. *Encontro Da Anpad*, 34.
- Davidsson, P. (1995). Determinants of entrepreneurial intentions. In *RENT XI Workshop*.
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Effect and counter-effect of entrepreneurship education and social context on student's intentions. *Estudios de economía aplicada*, 24(2), 509-523.
- Ferreira, A. D. S. M., Loiola, E., & Gondim, S. M. G. (2017). Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. *Cadernos Ebape. BR*, 15(2), 292-308.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22(2), 201-209.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman editora.
- Hecke, A. P. (2011). *A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração em ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do

Paraná], AcervoDigital da UFPR/. BIBLIOTECA DIGITAL: Teses & Dissertações/Teses & Dissertações, https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25849/Dissertacao_Adriana_Paffrath_Hecke.pdf?sequence=1&isAllowed=y

- Kacperczyk, A. J. (2013). Social influence and entrepreneurship: The effect of university peers on entrepreneurial entry. *Organization Science*, 24(3), 664-683.
- Krueger Jr, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of business venturing*, 15(5-6), 411-432.
- Krueger, N. F. (2017). Entrepreneurial intentions are dead: Long live entrepreneurial intentions. *Revisiting the Entrepreneurial Mind: Inside the Black Box: An Expanded Edition*, 13-34.
- Krüger, C., Bürger, R. E., & Minello, I. F. (2019). O papel moderador da educação empreendedora diante da intenção empreendedora. *Revista Economia & Gestão*, 19(52), 61-81.
- Kuckertz, A., & Wagner, M. (2010). The influence of sustainability orientation on entrepreneurial intentions—Investigating the role of business experience. *Journal of business venturing*, 25(5), 524-539.
- Küttim, M., Kallaste, M., Venesaar, U., & Kiis, A. (2014). Entrepreneurship education at university level and students entrepreneurial intentions. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 110, 658-668.
- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., & Silva, D. (2015). Ser seu próprio patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*, 19, 419-439.
- Lima, E., Nassif, V. M. J., Lopes, R. M. A., & Silva, D. D. (2014). Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. *Grupo APOE–Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. Caderno de pesquisa*, (2014-03).
- Lima, S. H. O., Ceglia, D., Rebouças, S. M. D. P., & Teixeira, A. A. (2016). Modelagem de intenção empreendedora de estudantes universitários usando equações estruturais. *Revista Pretexto*, 17(2), 42-65.

- Liñán, F. (2004). Intention-based models of entrepreneurship education. *Piccola Impresa/Small Business*, 3(1), 11-35.
- Liñán, F., & Chen, Y. W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship theory and practice*, 33(3), 593-617.
- Liñán, F., & Fayolle, A. (2015). A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11, 907-933.
- Liñán, F., Nabi, G., & Krueger, N. (2013). British and Spanish entrepreneurial intentions: A comparative study. *Revista de economía Mundial*, 33, 73-103.
- Liñán, F., Urbano, D., & Guerrero, M. (2011). Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain. *Entrepreneurship and regional development*, 23(3-4), 187-215.
- Loiola, E., Gondim, S. M. G., Pereira, C. R., & Ferreira, A. S. M. (2016). Ação planejada e intenção empreendedora entre universitários: analisando preditores e mediadores. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(1), 22-35.
- Marcon, D. L., Silveira, A., & Frizon, J. A. (2020). Empreender ou não? Fatores condicionantes da intenção empreendedora. *Revista de Administração FACES Journal*, 19(1), 64-79.
- Marcon, D. L., Silveira, A., & Frizon, J. A. (2021). Intenção empreendedora e a influência das teorias do comportamento planejado e dos valores humanos. *Revista de Gestão e Secretariado*, 12(1), 178-204.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. ReportNumber, Lda.
- Martins, F. S., Santos, E. B. A., & Silveira, A. (2019). Intenção empreendedora: Categorização, classificação de construtos e proposição de modelo. *BBR. Brazilian Business Review*, 16, 46-62.
- Mat, S. C., Maat, S. M., & Mohd, N. (2015). Identifying factors that affecting the entrepreneurial intention among engineering technology students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 211, 1016-1022.

- Oliveira, B. M. F., Vieira, D. A., Laguía, A., Moriano, J. A., & Soares, V. J. S. (2016). Intenção empreendedora em estudantes universitários: adaptação e validação de uma escala (QIE). *Avaliação Psicológica*, 15(2), 187-196.
- Oliveira, S., & Leal, S. (2015). A intenção empreendedora dos estudantes: uma análise aos seus antecedentes. *I Jornadas Ensino do Empreendedorismo em Portugal*, 25-42.
- Paiva, L. E., Sousa, E. S., Lima, T. C., & Silva, D. D. (2020). Comportamento planejado e crenças religiosas como antecedentes da intenção empreendedora: Um estudo com universitários. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 21(2), 1-29.
- Ramos, M. P. (2013). Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. *Mediações: revista de ciências sociais. Londrina, PR*. 18(1), 55-65.
- Schaefer, R., Nishi, J. M., Grohmann, M. Z., Löbner, M. L., & Minello, Í. F. (2017). Valores pessoais, atitudes e intenção empreendedora: Um estudo com estudantes de graduação em administração. *Revista Economia & Gestão*, 17(47), 123-143.
- Sousa, E. D. S., Paiva, L. E. B., Santos, A. R., Rebouças, S., Pedro, M. D., & FONTENELE, R. E. S. (2020). A influência das crenças religiosas na intenção empreendedora: uma análise sob a perspectiva da Teoria do Comportamento Planejado. *Cadernos EBAPE. BR*, 18(1), 200–215..
- Souza, R. S., Silveira, A., & do Nascimento, S. (2018). Ampliando a mensuração da intenção empreendedora. *Revista de Administração FACES Journal*, 17(2), 74-93.
- Teixeira, A. A., & Davey, T. (2010). Attitudes of Higher Education students to new venture creation: a preliminary approach to the Portuguese case. *Industry and Higher Education*, 24(5), 323-341.
- Thompson, E. R. (2009). Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. *Entrepreneurship theory and practice*, 33(3), 669-694.
- Zarelli, P. R., Otto, E. M., & Junior, S. L. (2021). Intenção empreendedora entre estudantes universitários: Influência das características e treinamento empreendedor. *Revista Gestão Organizacional*, 14(3), 299-320.
- Zhang, P., Wang, D. D., & Owen, C. L. (2015). A study of entrepreneurial intention of university students. *Entrepreneurship Research Journal*, 5(1), 61-82.

To undertake or not? entrepreneurial intention of students of administration and accounting sciences

ABSTRACT

The aim of this work is to identify and analyze the extrinsic and intrinsic factors that influence the entrepreneurial intention of students at a higher education institution. A quantitative and descriptive approach was used, with a questionnaire with a Likert scale for data collection and measurement. The sample included 203 students from undergraduate courses in Business Administration and Accounting, from the first to the eighth semester. Data treatment and analysis included descriptive statistics, exploratory factor analysis, reliability and correlation analyses. The main results indicate that the entrepreneurial career is perceived as favorable by Business Administration and Accounting students from different periods, being perceived as more attractive than formal work. Considering the research model of entrepreneurial intention, it was verified that the attitude towards the creation of a new company and the perceived behavioral control have a positive influence on the intention to undertake, with no direct influence of subjective norms on the students' intention. The main theoretical/methodological contribution refers to the inclusion, in the research model, of questions related to previous entrepreneurial experience and education in entrepreneurial management, with these questions presenting a significant correlation with entrepreneurial intention. The research findings highlight the importance of entrepreneurship and management education in the academic environment, as these disciplines stimulate entrepreneurial intention. The research also reveals the importance of encouraging students to participate in teaching, research and extension projects that aim to theme entrepreneurship.

Keywords: Entrepreneurial intention. Theory of Planned Behavior. Entrepreneurship. University students.

¿Emprender o no? intención empreendedora de estudiantes de ciencias administrativas y contables

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es identificar y analizar los factores extrínsecos e intrínsecos que influyen en la intención emprendedora de los estudiantes de una institución de educación superior. Se utilizó un enfoque cuantitativo y descriptivo, con un cuestionario de escala Likert para la recolección y medición de datos. La muestra incluyó a 203 estudiantes de los programas de licenciatura en Administración y Contabilidad, desde el primer hasta el octavo semestre. El tratamiento y análisis de los datos incluyeron estadísticas descriptivas, análisis factorial exploratorio, análisis de confiabilidad y correlación. Los principales resultados indican que la carrera empresarial es percibida como favorable por los estudiantes de Administración y Contabilidad en diferentes semestres, siendo considerada más atractiva que el trabajo formal. Considerando el modelo de investigación de la intención emprendedora, se encontró que la actitud hacia la creación de una nueva empresa y el control comportamental percibido tienen una influencia positiva en la intención de emprender, sin observarse una influencia directa de las normas subjetivas en la intención de los estudiantes. La principal contribución

teórica/metodológica se refiere a la inclusión, en el modelo de investigación, de preguntas relacionadas con la experiencia empresarial previa y la educación en gestión empresarial, ya que estos factores mostraron una correlación significativa con la intención emprendedora. Los resultados de la investigación destacan la importancia de la enseñanza del emprendimiento y la gestión en el ámbito académico, ya que estas disciplinas estimulan la intención emprendedora. Además, revelan la importancia de fomentar la participación de los estudiantes en proyectos de enseñanza, investigación y extensión centrados en el emprendimiento

Palabras clave: Intención emprendedora. Teoría del comportamiento planificado. Emprendimiento. Estudiantes universitarios.